



# Apresentação

## Costuras da vida: nascer, aprender, permanecer

Erica Matos dos Santos

Giovanna Marget Menezes Cardoso

*Tudo começa antes da palavra.  
Antes do nome, da escola, do diagnóstico ou da lei.  
Começa no corpo que chega ao mundo — um corpo que não  
nasce sozinho, mas mergulhado em terra, memória e gente.  
O nascer, que poderia ser encontro, foi transformado em  
ruptura.  
O corpo-território, separado.  
A mulher, silenciada.  
A ancestralidade, interdita.  
Aqui se inaugura o primeiro exílio: o desterro do nascer.  
Não apenas do chão, mas do sentido.  
O trauma colonial não grita — ele se repete.*

Os textos postos aqui, mais do que reunir produções acadêmicas, poéticas e pedagógicas, propõem um deslocamento epistemológico: afastar-se das lógicas coloniais que fragmentam corpo, território, afeto e conhecimento para habitar modos de existência sustentados pela relação, pela escuta, pela memória e pelo comum. Estes não apenas discutem a descolonização — eles a performam. Produzem fissuras nas racionalidades hegemônicas ao reconstruírem pontes entre saberes, corpos e cosmopercepções historicamente silenciadas. Ao longo desta edição, o conhecimento deixa de ocupar o lugar da abstração desincorporada para reaparecer como experiência viva, situada e relacional.

Os autores não caminham em paralelo, mas se chamam, se atravessam e se completam. O que parece disperso: nascimento, corpo, território, trauma

colonial, parteiria, quilombo, educação, festa, criação — na verdade, obedece a um mesmo eixo vital: a disputa pelo modo de existir. Todos eles falam, em camadas diferentes, do mesmo gesto político e ontológico: quem pode nascer inteiro, aprender inteiro, viver inteiro em seu território.

O trauma colonial não se manifesta apenas como violência explícita; ele se atualiza na repetição cotidiana, no parto capturado pelas instituições, na criminalização das parteiras, na deslegitimação dos saberes ancestrais, na escola que ensina apagando, no currículo que ignora o chão sobre o qual se ergue.

Entretanto, onde há desterro, há também reexistência. As parteiras tradicionais sustentam a vida com as mãos, com o corpo e com o invisível, afirmando que parir é mais do que fazer nascer: é proteger vínculos, garantir que o espírito encontre morada, impedir que a vida chegue ao mundo já ferida pelo esquecimento. Elas preservam modos de cuidado que recusam a separação entre corpo, território e comunidade, mantendo viva uma cosmopolítica orientada para a continuidade da vida. Do mesmo modo, os quilombos criam. Criam saberes, criam pedagogias, criam mundos possíveis. Criam sem apartar aprender de viver, educar de festejar, conhecimento de afeto. No quilombo, ensinar é lembrar, é contar às crianças de onde nasce o rio, porque um rio que esquece sua nascente seca. Aprender não é acumular conteúdos, mas garantir continuidade, afirmar pertencimento e sustentar a memória coletiva.

Festejar, nesse contexto, não é ornamento, mas método. O batuque, o maculelê, a dança e o canto constituem pedagogias do corpo inteiro, nas quais o saber não se arquiva nem se hierarquiza, mas circula, pulsa e se transmite de corpo em corpo, de geração em geração. Nascer no território, aprender no território e festejar no território não são escolhas culturais acessórias, mas estratégias vitais de sobrevivência frente a um mundo que insiste em fragmentar a vida, separar saberes e hierarquizar corpos. Esses textos, portanto, não falam apenas de parto, nem apenas de educação, nem apenas de quilombo; todos eles convergem para a mesma disputa fundamental: a luta contra a fragmentação da vida imposta pela colonialidade.

Essa abertura sensível aparece também nas oficinas, experiências comunitárias e práticas pedagógicas compartilhadas pelos trabalhos. Em *Organicidade Oracular*, a roda, a criação coletiva e a arteterapia tornam-se tecnologias ancestrais de cuidado e reexistência. A proposta nasce da compreensão de que “compartilhar o saber é uma forma de potencializá-lo” e de que “confluenciar saberes constitui-se como uma forma de enfeitiçar a língua e contrariar as palavras coloniais”. O cuidado desloca-se, assim, da lógica individualizante para uma experiência orgânica, comunitária e relacional. O baralho pedagógico-terapêutico apresentado pela autora não se reduz a uma ferramenta metodológica: configura-se como gesto político de reflorestamento dos imaginários. Assim como a xícara de chá, roda, crochê e conversa, se revelam enquanto festa do nascer. Recusando a ideia de que o conhecimento começa na palavra escrita ou se encerra na escola; ele nasce antes, no corpo, no gesto, no tempo partilhado. A revolução que cabe numa xícara de chá é a mesma que insiste em devolver ao nascer, ao aprender e ao viver sua inteireza, rompida pela lógica colonial da separação.

Quando o tempo desacelera e a vida se organiza em roda, o cotidiano deixa de ser banal e se torna política viva. A roda do chá conversa com a roda do parto, com a roda da festa, com a roda da aprendizagem comunitária. Em todas elas, não há cima nem baixo, centro nem margem: há corpos em relação. O saber circula como o fio que passa de mão em mão, como a erva que aquece o corpo, como a palavra que não se arquiva, mas permanece porque é lembrada. Ensinar e aprender deixam de ser atos hierárquicos e passam a ser gestos de cuidado mútuo

Assim, as produções nos potencializam a refletir, que linguagem também é território. A língua/fala aparece como prática de resistência, memória e continuidade histórica. Falar não significa apenas comunicar, mas também sustentar o pertencimento e afirmar a existência diante das tentativas históricas de apagamento. Como escreve uma das autoras, “falar também é sustentar memória, organizar experiências e afirmar pertencimento”. A língua torna-se, assim, corpo coletivo: espaço de transmissão entre gerações, dança viva entre oralidade, permanência e reexistência.

Onde a lógica colonial separa, esses saberes costuram. Onde o sistema isola, eles convocam o coletivo. Onde se impõe silêncio, fazem da voz, do canto, da linguagem, da língua e do corpo instrumentos de afirmação e cura. Nesses territórios de vida, ninguém nasce sozinho, ninguém aprende sozinho, ninguém se sustenta fora da comunidade. O eixo que atravessa tudo é simples e radical: a vida só existe em travessia entre mundos, entre modos de existência, entre formas de compreender o corpo, a espiritualidade e o território. Pois, o território só permanece vivo quando é cuidado, compartilhado e reconhecido como comunidade, porque o vínculo contínuo permite que o cuidado não seja pontual, mas construído ao longo do tempo, quando os saberes podem ser acessados de maneira mais orgânica, com pertencimento e implicação.